



PONTÍFICA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO SOCIAL
CURSO DE JORNALISMO
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO II

MICHELLE CAROLINE FERREIRA MENEZES

FOTORREPORTAGEM: SOMOS TODOS GIGANTES

GOIÂNIA

2020



PONTÍFICIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO SOCIAL
CURSO DE JORNALISMO
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO II

MICHELLE CAROLINE FERREIRA MENEZES

FOTORREPORTAGEM: SOMOS TODOS GIGANTES

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC-GO), como requisito final para a obtenção do grau de Bacharel em Jornalismo, orientado pela Prof^a Mariana Capeletti Calaça.

GOIÂNIA
2020

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO SOCIAL
CURSO DE JORNALISMO

TERMO DE APROVAÇÃO

A Banca Examinadora, abaixo assinada, avalia a fotorreportagem: Somos Todos Gigantes elaborada por Michelle Caroline Ferreira Menezes.

Michelle Caroline Ferreira Menezes

Foto documentário examinada em:

Goiânia, Goiás no dia 02/12/2020

Banca Examinadora

Orientadora: Prof^a. Mariana Capeletti Calaça.

Mestre em Arte e Cultura Visual pela Universidade Federal de Goiás.

Prof^a Deborah Rodrigues Borges.

Doutora em Arte e Cultura Visual pela Universidade Federal de Goiás.

Prof^o Murilo Gabriel Bernado Bueno

Mestre em Comunicação pela Faculdade de Informação e Comunicação (FIC-UFG)

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo mostrar como a fotografia pode ser utilizada como instrumento de inclusão social. O tema em foco é sobre as pessoas com nanismo, mais específico que fazem parte do projeto Somos Todos Gigantes. O projeto com sede em Goiânia tem como objetivo trazer a inclusão social, conhecimento e aceitação a população com nanismo e a sociedade em geral. Também é discutido no trabalho o papel da fotografia, fotorreportagem e as inspirações para o projeto. Além da pesquisa sobre o assunto principal: o nanismo.

Palavra-chave: nanismo; fotografia; inclusão social; Somos Todos Gigantes e acessibilidade.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Instagram Somos Todos Gigantes	11
Figura 2 – Anão mexicano.....	17
Figura 3 – Anões russo	18
Figura 4 - Pasta Pinterest 1.....	22
Figura 5 - Pasta Pinterest 2.....	22
Figura 6 - Pasta Pinterest 3	23
Figura 7 – Fotos Roger.....	25
Figura 8 - Fotos Laura.....	26
Figura 9 - Foto Biel árvore.....	27
Figura 10 - Instagram captura de tela	28

SUMÁRIO

Introdução.....	07
Capítulo 1 – Somos Todos Gigantes	10
Capítulo 2 – Nansimo	11
2.1 –Nanismo em circo	13
2.2 – Acessibilidade.....	13
Capítulo 3- Fotografia.....	14
3.1- Fotorjornalismo.....	16
3.2- Diane Arbus.....	19
Memorial.....	21
Considerações finais	29
Referencial Bibliográfico.....	30

INTRODUÇÃO

Apesar do IBGE não ter um cálculo de pessoas com nanismo no Brasil, sabemos que existe uma parte considerável de pessoas anãs no país. O nanismo é considerado uma doença rara e qualquer casal pode ter um filho anão mesmo os pais não sendo. Observando a sociedade como um todo não percebemos tais pessoas em cargos importantes ou com frequência.

Mesmo com leis de acessibilidade, contra o preconceito e leis de direitos à pessoa com nanismo, há uma batalha longa ainda a se percorrer para quebrar estereótipos criados pela sociedade e finalmente fazer a inclusão social dessas pessoas.

A discriminação e marginalização das pessoas com nanismo começou a muitos anos, vistos como anormais a pessoa com nanismo luta desde então para ganhar espaço e credibilidade. Até mesmo no século passado o nanismo era visto como a “diversão”, algo estranho a ser apreciado em circos de horrores por exemplo. Muito tempo depois esses circos de horrores deixaram de ter sucesso, todas as pessoas as quais eram “anormais” tiveram explicações médicas sobre suas condições.

A falta de representatividade não só no Brasil como no mundo também é um ponto a se perceber sobre o nanismo. Pouco se vê na mídia, filmes e novelas pessoas anãs. Sem cantores famosos ou escritores. Por isso o projeto Somos todos gigantes chama a atenção para essa minoria que não é vista e não é falada. Por meio de debates, explicações e congressos o projeto luta para que a inclusão seja algo real na vida das pessoas com nanismo. Que o preconceito e a forma de olhar para a pessoa anã sejam modificados. Fazendo um trabalho com apoio de governos estaduais e federais para que juntos quebrem muitas barreiras existentes sobre o assunto.

A fotografia surgiu para registrar momentos, depois acabou sendo uma forma de documentar o que se passava nos lugares e até mesmo provas. Mas a fotografia também tem um lado importante na inclusão de pessoas, mostrar elas ao mundo. Como diz Sontag (2004) a fotografia torna as pessoas mais acessíveis dependendo do recorte do mundo que você o dá.

Antes a pessoa com nanismo era vista como o bobo da corte, anão da mina de ouro, personagens de circo e vistos com estranheza. A fotografa Diane Arbus ficou famosa por suas fotos, com modelos fora do padrão, anões estavam nesse grupo e foi recebido com certa estranheza na época. Apesar de nunca ter sido o objetivo de Arbus provocar alguma empatia ou compaixão com elas.

O tema sobre nanismo foi escolhido para levar conhecimento sobre a causa e mostrar a vida dessas pessoas. Em forma de fotografia tirada de famílias que fazem parte do projeto STG e que sentem a necessidade da exposição do assunto.

Como seria uma sessão de fotos montar um site e fazer um portfólio delas foi uma opção viável e acessível a todos. Já que se fosse um livro fotográfico não chegaria a tantas pessoas como o site que fica disponível gratuitamente a todos.

O objetivo geral do TCC era usar a fotografia como meio para ajudar e a trazer a acessibilidade e a inclusão social para as pessoas do projeto Somos Todos Gigantes. Observando como eles eram retratados antes e mostrando como eles gostariam de ser retratados. Com isso entrevistas e conversas com as famílias escolhidas para serem modelos das sessões fotográficas, com o objetivo de descobrir como é a rotina e como é para eles terem nanismo e entender alguns preconceitos com a pessoa anã. Finalizando tudo com uma sessão fotográfica.

Para que todo o trabalho fosse concluído, precisou de muita pesquisa teórica, tanto sobre o nanismo como a fotografia em si. E conversas com a família fundadora do projeto STG, principalmente com a Juliana Yamin, mãe do Biel, que se dispôs a tirar qualquer dúvida e expor as dificuldades tanto antes do Biel nascer quanto depois. As mudanças de antes do projeto para depois do projeto.

O projeto Somos Todos Gigantes acredita que a mudança das ideias sobre o nanismo começa em casa. Com o conhecimento da doença e das necessidades reais que a pessoa precisa. Com a fotografia acredito que expor essas famílias do jeito íntimo e diversificado que muitas delas são tira o impacto como antes nas fotografias de Arbus. E mostra como eles realmente querem ser vistos, pessoas normais.

A contribuição deste TCC é possibilitar a sociedade um novo olhar sobre o nanismo através da fotografia. Em uma forma simples perceber que este TCC quer transformar a fotografia como instrumento de forma de inclusão social. Mostrando o

que é o nanismo para então de conhecer melhor este público. Contribuindo com a informação e a diminuição do preconceito. O que falta é o conhecimento social em relação a pessoa com nanismo, que é discriminado por causa de sua estatura.

1. Somos todos gigantes

O projeto **Somos Todos Gigantes (STG)** foi fundado em 2015 pelo casal Juliana Yamin e Marlos Nogueira. A ideia surgiu de uma audiência pública no Senado Federal para formalizar o Dia Nacional do Combate ao Preconceito Contra as Pessoas com Nanismo, projeto que virou lei. O STG tem sede em Goiânia, mas tem um alcance nacional com seu site de informações e as vezes internacional segundo os fundadores. O site mantém abastecido com notícias, pesquisas, dúvidas, matérias exclusivas e debates sobre o nanismo no mundo. Biel como é conhecido o filho dos fundadores é o porta voz do projeto e detalha como é sua vivência sendo anão e como isso pode influenciar positivamente outras pessoas que também são acolhidas pelo projeto. O objetivo do é que por meio da comunicação voltada para pessoas de baixa estatura se crie uma consciência de coletividade e vivência para elas.

O STG se remodelou em 2018, relançando o site com mais conteúdos informativos, com o objetivo de que com o conhecimento e informação eles conseguissem combater o preconceito e a intolerância. Segundo o site STG eles buscam discutir e conscientizar sobre as questões do nanismo, levantando o que se é necessário para conseguir tais objetivos. Várias partes do mesmo site são cheios de projetos de inclusão, aceitação e leis de acessibilidade que muitos podem não ter conhecimento ou acesso.

Todas as redes sociais do projeto compartilham um mesmo propósito, postagens e objetivo: a inclusão. Cada uma de suas redes sociais sendo elas Instagram e Facebook contam com mais de 9 mil seguidores. Há grupos de whatsapp com pessoas de Goiânia aonde a sede fica, algumas de outros estados do Brasil e fora dele.

Com o começo da pandemia, o projeto focou bastante nas redes sociais. Principalmente no *Instagram* no qual eles começaram a fazer *lives*¹ e debates importantes sobre o nanismo. Assuntos as vezes até mesmo polêmicos como alongamento de ossos etc. Todas as *lives* eram salvas e depois em seguida postada no perfil no *Instagram* em formato de *IGTV*.

¹ Vídeos ao vivo feito pela plataforma da rede social Instagram.

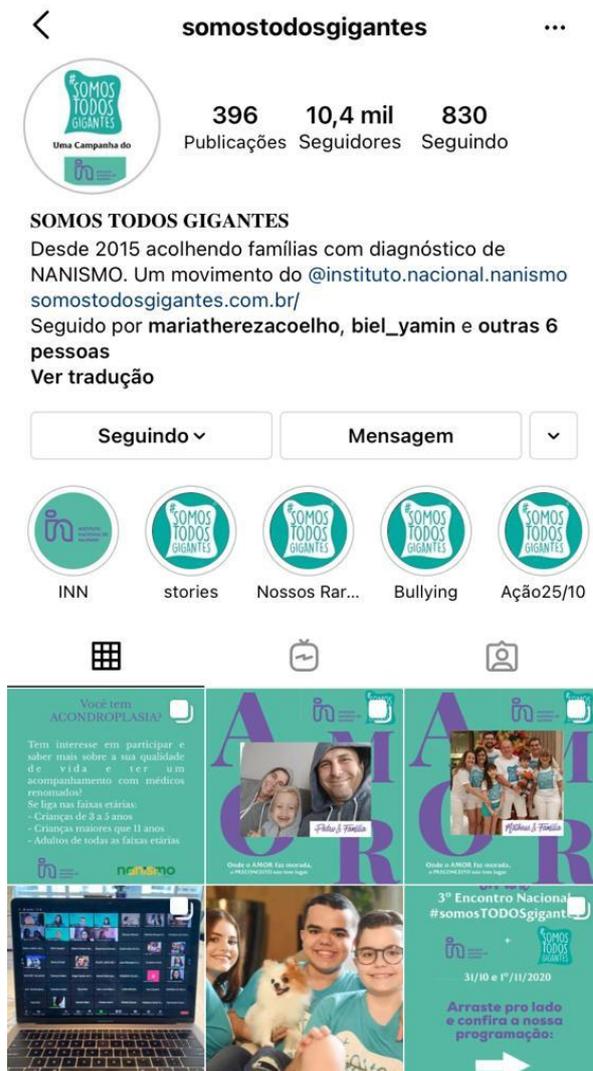


Figura 1 Captura de tela Instagram Somos Todos Gigantes.

O projeto STG tem como um dos seus objetivos promover para que essas leis sejam praticadas de forma efetiva no país, transformando a realidade de que tem nanismo. Em 2017 foi sancionada a Lei 13.472/2017² que dedica o dia 25 de outubro como o Dia Nacional do Combate ao Preconceito Contra as Pessoas com Nanismo, celebrado no Brasil e em mais de 25 países. Esse dia foi escolhido para homenagear o ator americano Billy Barty que criou uma associação nos anos 50 que, lutava pelos direitos das pessoas com nanismo e por tratamento médico adequado para aqueles com a condição.

2.Nanismo

² <https://presrepublica.jusbrasil.com.br/legislacao/483444803/lei-13472-17>

O nanismo é uma síndrome hereditária pela transmissão autossômica dominante que pode ocorrer em ambos os sexos. A síndrome faz com que a pessoa tenha uma estatura abaixo da média, explica Cardoso et al. 2009. É considerada rara, o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) não possui um levantamento de quantas pessoas são de baixa estatura no Brasil. Segundo Cardoso et al. (2009), foi encontrado na Grã-Bretanha um esqueleto com mais de 7000 anos, pertencente à Era Neolítica. Vários esqueletos, pinturas e registros foram deixados nos territórios egípcios, alguns casos anões estavam em uma posição socialmente bem, assim como tinham famílias que não apresentavam a mesma condição relata Casimiro Lopes (2013). Ainda Lopes (2013), expõe vários registros em que as funções dos anões da época eram variadas, mas que tinham uma representação positiva e bem visto no Egito Antigo, pois acreditavam que sua condição era de alguma magia, existindo até orações específicas para proteção em ocasiões de perigo.

O nanismo pode ter mais de 400 tipos e 80 subtipos existentes. Entre eles há dois dos mais conhecidos, o proporcional- Hipofisário e o desproporcional- Acondroplasia. A acondroplasia é a variação mais comum do nanismo, sendo ela a que os ossos e órgãos sejam anormais e curtos.

“Trata-se de uma síndrome hereditária, com transmissão autossômica dominante¹⁹, que acomete ambos os sexos igualmente...As características clínicas são bem específicas, tanto na criança quanto no adulto. Os portadores possuem faces típicas, caracterizadas por calota craniana volumosa, base do crânio encurtada, ponte nasal larga e achatada...Os pacientes acometidos pela acondroplasia apresentam alterações craniofaciais e dentárias típicas, que podem levar a problemas sérios, como maloclusão, inflamação auditiva e obstrução de vias aéreas...” Cardoso, et al. (2009)

Continua explicando Cardoso, et al. (2009) que como consequência da alteração genética, a formação óssea endocondral fica defeituosa, por isso é visível a diferença de seu corpo com os outros, até mesmo a de quem possui o nanismo Hipisário. Pode ser que haja dificuldades de diagnosticar a acondroplasia no pré ou pós-natal, algumas crianças nascem com um comprimento sendo considerado dentro dos padrões normais, podendo ser diagnosticado também por exames de hormônios explica Zan Mustachi (2000).

Agora o nanismo Proporcional ou Hipisário é causado pode ser causado por distúrbios no metabolismo e no hormônio, fazendo com que o hormônio do crescimento seja afetado. Como ele é proporcional todos os seus órgãos sendo assim internos e externos são proporcionais entre a sua altura, apresentando uma altura de

20% menor do que uma pessoa com a mesma idade e sexo de acordo com Zan Mustachi (2000). Vasconcelos (2016) define o assunto

“Decorrente a uma insuficiência do lobo anterior da hipófise, na fase de crescimento, produzindo uma atrofia adiposo genital e parada de crescimento.... a disfunção gênica não interfere na inteligência do indivíduo. A hipófise controla desde o crescimento e reprodutora, até as funções que controla o metabolismo e a resposta ao stress.”

A autora Branco (2001) explica que em muitos casos o indivíduo nasce com peso e estatura dentro da normalidade, apenas depois para de crescer. Como exemplo uma criança de 9 anos pode apresentar uma estatura de uma criança de 4 anos e pessoas com 20 anos tem um desenvolvimento de uma criança de 10 anos.

2.1 Nanismo no circo

Durante o século XIX e metade do XX, pessoas com nanismo estiveram presentes no espetáculo circense, além de outras atrações como palhaços, animais etc., explorava a imaginação do grande público por meio do incomum, para tal emergiu uma espécie de espetáculo conhecido como show de horrores. Entre os anos de 1840 os Circos dos despertavam muito interesse e representavam grande sucesso e lucros. Entre os artistas mais famosos, encontravam-se gêmeos siameses, anões, pessoas obesas etc.

Os circos de horrores prosperaram durante todo o século XIX e do sec XX, com os donos ganhando dinheiro às custas da exploração da miséria alheia, cujas condições patológicas e mutações genéticas variadas os deixavam vulneráveis segundo Revoir (2011). O autor ainda completa que as doenças foram posteriormente diagnosticadas pela medicina, mas que antes eram anunciadas como mutações monstruosas. A mídia ajudou na divulgação desse conhecimento científico e logo depois o “Show de horrores” perdeu força.

2.3 Acessibilidade

Apesar de ter se evoluído a questão de pessoas com necessidades especiais, muitas pessoas ainda vivem em situação de discriminação, trabalhos de cunho pejorativos, entretenimento. Há evidências da necessidade de desenvolver inclusões eficácias para pessoas com deficiência na sociedade. De acordo com a constituição brasileira de 1988 todos são iguais perante a lei.

Todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no País, a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade. CONSTITUIÇÃO FEDERAL (1988).

A lei de cotas surgiu em 1991, mas não incluía o nanismo como uma deficiência. Mas apenas em 2004 o nanismo foi reconhecido como deficiência física no Brasil, e então passou a ser incluído nas que beneficiam e garantem tratamento especial, estabelecendo normas gerais, critérios básicos para promover a acessibilidade e representou um grande avanço na inserção do anão no mercado de trabalho.

“As pessoas com deficiência causam estranheza num primeiro contato, que pode manter-se ao longo do tempo a depender do tipo de interação e dos componentes dessa relação. O preconceito emerge como um comportamento pessoal, porém não pode ser atribuído apenas ao indivíduo, posto que não se restringe a exercer uma função irracional da personalidade.” Luciene Silva (2004).

Existem leis que asseguram para pessoas com necessidades especiais uma vida pela. Como é obrigação do Estado fornecer integração socioeconômica e cultural para quem tem qualquer tipo de deficiência de acordo com o artigo 5º, inciso I, Decreto nº 3.298/1999.³ Além disso há tratamento prioritário, salário de um salário mínimo mensal para a pessoa com nanismo que comprovar ser carente. A Assistência Social deve garantir “proteção social especial” em situações de violação dos direitos de indivíduos e familiares e atuar em sua defesa de acordo com o artigo 6º, inciso II da Lei 8.742/1993⁴.

Os programas de assistência social voltados para o atendimento de pessoas com deficiência devem fornecer acolhimento, renda, habilitação e reabilitação para a reintegração social e a conquista dos direitos cívicos com igualdade de oportunidades inclusive profissionais de acordo com o artigo 39 caput da Lei 13.146/2015⁵.

3. Fotografia

A fotografia é uma interpretação do mundo tanto quanto as artes da pintura e os desenhos segundo Susan Sontag (2004), atribuindo importância, deixando o mundo mais acessível do que é na realidade. Sontag cita que na fotografia sempre se escolhe um lado, usando a como instrumento de conhecimento e de exposição do

³ http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/d3298.htm

⁴ http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l8742.htm

⁵ http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/l13146.htm

recorte que se dá ao ver o mundo. Na fotografia terá fragmentos do mundo que foram escolhidos pelo fotógrafo e por meio delas pode fornecer um testemunho.

Depois que a câmera saiu do tripé e tornou-se portátil a fotografia serviu como uma prova para transmitir acontecimentos, servir de denúncia e muitas das vezes foi usada chocar e modificar comportamentos sociais explicou Susan Sontag (2003). Depois do momento de transição entre a fotografia estática, que precisava de um momento específico para ser fotografada na que não saia do lugar, passou a se movimentar e capturar momentos distintos, em lugares inusitados, em várias possibilidades de posições da câmera. Com a mudança na estrutura da câmera e seu posicionamento também mudou seus objetivos sobre aquela fotografia.

“De um lado a fotografia direta, como a reportagem, o retrato e a paisagem: ela explora a realidade que se apresenta ao fotógrafo. De outro, a fotografia encenada, fotografia subjetiva, manipulada, autônoma, que ela própria é exploração de uma realidade: realidade do próprio meio fotográfico” (Soulages, 2010, p. 65).

Soulages explica que a fotografia encenada tem um discurso ideológico por trás, influenciada por estudos de performance e artes do século XX, assumindo um papel importante no processo e significação, passando a ser pensada. A fotografia passa a ganhar vários tipos de olhares, a realidade agora poderia além de ser um recorte do mundo pelo fotógrafo, como também poderia ser manipulado da forma que quisesse. A manipulação não necessariamente significa mentir ou deixar algo irreal, mas leva para o lado subjetivo e até mais ilusório. A partir da forma que profissional vê o mundo, ele pode criar, pensar e montar o que aquela fotografia deseja passar. Mesmo que seja encenada ou a captura de um momento, ambas podem retratar algo forte ou leve, um testemunho ou uma admiração. E assim o jornalismo utiliza a fotografia como ferramenta.

“...Como um veículo de observação, de informação, de análise e de opinião sobre a vida humana e as consequências que ela traz ao Planeta. A fotografia jornalística mostra, revela, expõe, denuncia, opina” Jorge Pedro Sousa (2002).

A fotografia pode transformar percepções após ser exposta com um novo olhar. Sair fora do que é comum, usual ou “certo” exige do fotógrafo uma sensibilidade sobre a lente e sobre a sociedade. Ao longo dos anos foi se quebrando estereótipos, preconceitos e deixando de lado a marginalização de algumas minorias da sociedade.

Para que isso tenha acontecido, alguém ou algum movimento precisou dar o pontapé.

3.1 Diana Arbus

Diane Arbus ficou conhecida como a fotógrafa que começou a fotografar de forma única pessoas com condições humanas precárias, excluídos da sociedade, fortemente marcados por traços que os identificam em grupos específicos, marginalizados pelas diferenças na fisionomia, condenadas por sua condição.

De acordo com a Sontag (2004) a maioria das pessoas fotografadas eram imigrantes, anões, deficientes mentais, prostitutas, anômalos, travestis, velhos, nudistas, atores e as fotos em preto e branco. Mas as fotografias de Diane Arbus não queriam despertar compaixão do observador.

Segundo Emy Kuramoto (2006), Arbus fotografou em 1960 o anão mexicano Lauro Morales, também conhecido como “Cha Cha”, e o “gigante judeu” Eddie Carmel no Hubert’s Museum, onde era apresentado como “O maior cowboy do mundo”. Na *figura 2* o modelo que está em seu quarto de hotel, aparentemente apenas de toalha e chapéu encostado no criado mudo o mexicano posa de forma tranquila e até mesmo íntima. Apesar de estar sentado, pelas suas características se nota o que tem nanismo se não fosse também o nome da foto “*Anão em seu quarto de hotel em New York*”.

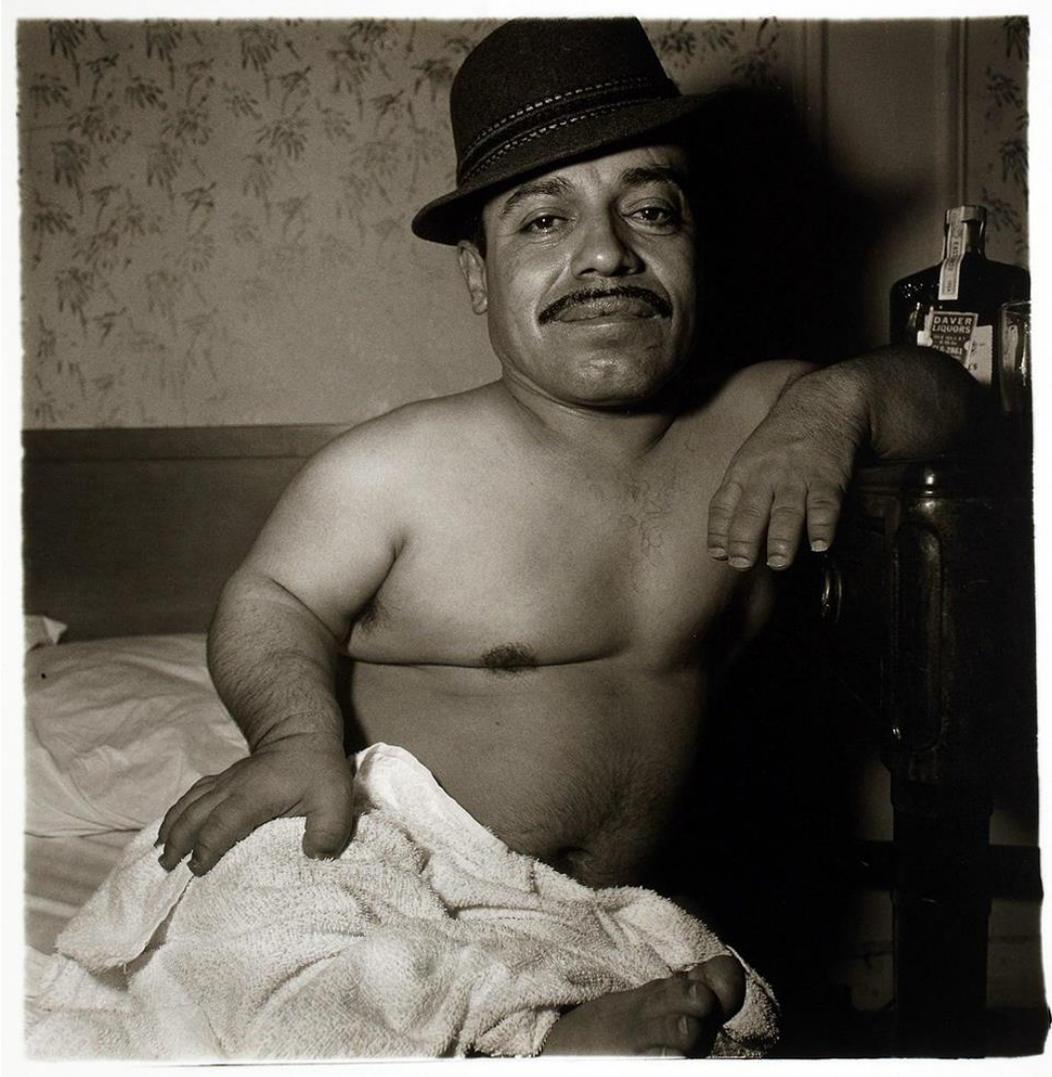


Figura 2 Diane Arbus, Anão mexicano em seu quarto de hotel em Nova York, 1970

Arbus também fotografou outro anão, o ator principal do filme, o russo Andrew Ratoucheff. A imagem que se tornou mais conhecida é “*Anões russos numa sala da Rua*”. Igualmente a fotografia do mexicano citada acima, a *figura 3* é tirada de forma íntima. O lugar parece ser íntimo para eles, com fotografias e objetos. Os anões não se produziram para tirar a foto, uma das senhoras até mesmo está de avental. Como várias fotos de Arbus ela queria entrar no íntimo e pessoal de seus modelos, mesmo que a foto seja posada e não espontânea, ela não se caracteriza como uma foto produzida.



Figura 3 Arbus, Anões russos numa sala da Rua 100, N.Y.C. 1963

Como Karamoto (2006), ressalta as fotos tiradas por ela forma recebidas com muito choque, mas se fosse hoje em dia seria diferente. Arbus fotografava com close-up como na *figura 2* e com o ângulo reto da câmera dando impacto e beleza para suas fotos. Além disso

“Seu trabalho é apontado como uma das pontes que ligam a fotografia modernista à pós-modernista e como o ponto de fusão entre a fotografia de moda, o fotojornalismo e uma forte visão pessoal”. Emy Karamoto (2006)

Arbus contempla o “feio” e traz ele a realidade da época como algo bonito e artístico. No livro da História da Feiura de Umberto Eco, retrata que o feio pode ser: relativo ao tempo e às culturas, o que é bonito hoje pode ser feio amanhã e vice e

versa e depende do contexto. Arbus abusa do estilo *camp*⁶ em suas fotos, fazendo que “é belo porque é horrível”, ela transformou o feio em artístico e o feio foi redimido pelo belo ou interessante. A fotografa limitou seu trabalho para transforma em arte aquilo que antes não era aceitável para época.

Arbus usou a seu novo olhar, o recorte daquela sociedade para chocar e para mudar as perspectivas em cima deles. Ela não precisou de um acontecimento factual para contar a história de seus modelos, mas mostrou ao mundo o quanto eles se escondiam e eram rotulados pela sociedade da época.

3.2 Fotojornalismo

O termo fotojornalismo abrange todas as formas sendo elas fotografias de notícia, projetos documentais, features⁷ e mais, o objetivo é o mesmo informar. Sousa explica que o fazer fotojornalismo é sinônimo de contar uma história em imagens, sempre estudando os personagens e as situações. O autor discute a diferença entre o fotojornalista e o foto documentalista dizendo “um fotodocumentalista procuraria fotografar a forma como esse acontecimento afecta as pessoas, mas um fotojornalista circunscreveria o seu trabalho à descrição/narração fotográfica do acontecimento em causa”, cita ainda que o fotojornalista prefere fotografar os assuntos factuais e o foto documentalista procuram temas intemporais e mais aprofundado.

“Para informar, o fotojornalismo recorre à conciliação de fotografias e textos. A fotografia é ontogenicamente incapaz de oferecer determinadas informações, daí que tenha de ser complementada com textos que orientem a construção de sentido para a mensagem. ...Por vezes, necessitam de explorar ângulos diferentes, especialmente quando cobrem acontecimentos de rotina.” Jorge Pedro Sousa (2002).

Nos anos 90 as possibilidades de manipulação e as imagens geradas no computador trouxeram novos debates: as novas tecnologias, as novas tendências gráficas, o imediatismo e flexibilidade da profissão fotojornalista, mas também trouxe vários problemas como os direitos autorais, invasão da privacidade, problemas de adaptação com as novas tecnologias, legibilidade como cita Sousa.

⁶ Segundo Sontag, é um modo de ver o mundo como fenómeno essencialmente estético, que privilegia o inatural, o artificial, o exagero e que transforma o sério em frívolo.

⁷ Termo usado para as fotografias intemporais de situações peculiares com que o fotógrafo depara.

Fotografia documento se organiza para a representação explica André Rouillé (2009). Logo nos anos 90 a abertura do outro e do diálogo faz surgir a reportagem-testemunho que se propõe em fotografar situações sociais usando os modelos para trabalharem a confiança. “O objetivo é mostrar as fisionomias da exclusão e conferir visibilidade, a comunidade excluída” acrescenta Rouillé.

A Fotografia pode ser divertida, pode ser intimidadora, pode ser descontraída, pode ser perturbadora, apenas depende do recorte que se dá. Ter um olhar principalmente jornalístico, pode trazer um debate, uma denúncia, uma novidade ou uma exposição.

E exatamente do que o Rouillé disse que foi o recorte para o projeto do TCC, pegar uma parte da sociedade que é excluída e dar visibilidade a ela. Como Sontag cita a fotografia é capaz de trazer essa acessibilidade. O tema nanismo é um assunto pouco abordado, pouco discutido e com muito preconceito. Acreditar que a fotografia possa dar visibilidade, voz, conforto e aceitação não só pela sociedade, mas deles mesmo é o ponto chave para o projeto.

MEMORIAL

Quando eu pensei em fazer o TCC havia apenas duas coisas definidas. A primeira era que eu queria algo visual e a segunda era que o assunto fosse relevante para sociedade. Perdida em meio de tantas possibilidades e ao mesmo tempo tão poucas. Não queria escolher um tema que fosse comum ou que já tivesse sido comentado nos últimos TCC.

E foi em um dos cultos da minha igreja Sal da Terra, que eu assisti um vídeo do projeto Somos Todos Gigantes apoiado pela igreja. Nesse momento eu me vi refletindo sobre o que eu sabia sobre o nanismo? O que o projeto estaria fazendo sobre essas pessoas? Como uma pessoa com nanismo vive e como a sociedade as trata?

Nessa minha análise sobre meu conhecimento sobre o assunto eu percebi que sabia muito pouco. Tão pouco de não ter tido esse olhar para essa minoria. Se eu mesma não sabia, não ouvia falar muito sobre o assunto, não identifica no meu meio ou nas mídias esse assunto abordado, então era porque nesse projeto eu via uma relevância social gigantesca.

Comecei a lembrar então quando foi que eu vi pela última vez uma pessoa com nanismo, nem na rua eu conseguia me lembrar. Lembrei de quando tinha visto uma pessoa com nanismo e me lembrei da novela “O outro lado do paraíso” a atriz Juliana Caldas interpretou Estela em 2017. Na própria novela a personagem sofre muito preconceito por ter nanismo e a sua própria mãe não aceita sua condição. E é interessante retratar que as vezes esse julgamento, essa opressão começam em casa. Indo para o cinema as únicas pessoas que eu conseguia me lembrar era do Peter Dinklage que é um ator americano super famoso, fez Game Of Thrones, ganhador de Emmy. Mas se olhar todo o histórico de filmes nem sempre ele interpretou um personagem inserido na sociedade como qualquer outro, muitas vezes era apenas o anão do filme, o duende. O outro ator que lembrei foi o Warwick Davis já que eu amo Harry Potter, que inclusive chegou a interpretar dois papéis na saga, o professor Filius Flitwick e o Grampo nos dois últimos filmes. Diferente do Peter que tem acondroplasia que é o tipo mais comum de nanismo, Warwick tem displasia espondiloepifisária congênita que acaba tendo problemas de saúde e físicos em consequência. Inclusive o Roger que foi fotografado para o TCC tem um tipo de displasia semelhante.

Foi aí que eu decidi escolher quem seria minha orientadora. Apesar de ter pensando em fazer um documentário primeiro e não fotografia, eu me sempre tive em mente o estilo de fotos, de aula e pessoal da Mariana. Não me restou dúvidas de que o projeto ficaria legal. Um dos projetos mais legais que eu já executei na faculdade foi na aula dela com minha colega de classe Ludymila Siqueira. Nós fizemos uma serie de fotorreportagem para retratar a história do circo em Goiânia, fomos em 3 circos em Goiânia com trabalho social e então fotografamos. E foi simplesmente incrível. Eu me apaguei ao projeto e decidir fazer semelhante ao meu último na faculdade.

Eu fiz uma pré-pesquisa para conhecer um pouco sobre o assunto e pensar como eu iria abordar o tema. Depois entrei em contato com a fundadora do projeto, Juliana Yamin, que se dispôs a estar me ajudando com o que eu precisasse no meu projeto de TCC. Tudo isso no final do ano passado.

No começo de 2020 começou a ser feito um trabalho de pesquisa de estilo de fotografia, de como gostaria de prosseguir com o meu projeto. Decidir indo salvando minhas referências de fotos que eu gostava no *Pinterest*. Eu e minha orientadora percebemos que eu curti bastantes fotos em retrato, fotos em *contra-plongé*⁸ e preto e branco. A ideia do *contra-plongé* se casou bastante com o nome do Somos Todos Gigantes e qual era meu objetivo com as fotografias que gostaria de passar.



⁸ É a posição da câmera fotografando de baixo para cima, para dar a sensação de poder, aumento de força ou crescimento.

faculdades decidiram suspender as aulas presenciais e passar para o sistema online. Eu também fui afastada pelo meu serviço por quase 4 meses.

A doença que funciona como uma gripe mais forte, tem um contágio muito rápido de pessoas, sendo assim muitas cidades incluindo Goiânia fizeram *lockdown*¹⁰ e quarentena. Foi um grande desafio para mim continuar pensando no meu TCC por vários motivos. Eu não era grupo de risco, mas vivia com meu pai que era cardíaco. Então tinha que continuar sempre fazendo o possível para não pegar. Aí começou meus questionamentos. Como eu vou fotografar se não posso sair de casa? As famílias vão aceitar sair de casa para serem fotografadas? Ou até mesmo me deixaram entrar dentro de suas casas?

As minhas preocupações foram apenas aumentando quando eu me via na possibilidade de adotar a fotografia por meio de vídeo online. Pesquisei alguns fotógrafos que estavam fazendo. Gostei de alguns e detestei todos. Mas de qualquer forma eu teria que tentar eu mesma fazer para ver se em últimos casos eu conseguiria entregar essas fotos. Fiz um teste por *Facetime* com meu noivo na época, chegando a conclusão de que era extremamente difícil e precisava de muitos elementos para dar certo. Um deles era a internet de qualidade para a vídeo. Um celular de qualidade da pessoa que eu fotografaria já iria ser por meio de captura de dela e da disposição, obediência e controle dos modelos para os meus comandos por trás do telefone.

Decidi então esperar até o meio do ano para conseguir ter uma ideia se as coisas iriam melhorar, como iria fotografar essas famílias. Enquanto eu esperava decidi fazer as pesquisas que envolviam meu projeto como os assuntos sobre o nanismo. Foi complicado ler e entender já que os livros eram de medicina com linguagem bem mais difícil a que eu estou acostumada, mas no final das contas deu tudo certo. Foquei nos dois tipos de nanismo e o que algumas vezes esses portadores pode sofrer com a condição física.

Depois das férias eu conversei com a Juliana do STG, falamos sobre algumas famílias que aceitariam fazer o ensaio fotográfico presencial se tivéssemos o cuidado e tentasse tirar fotos mais a distância. Foi preferível dessa forma a online. Eu tive algumas recusas para o projeto de 3 famílias. Uma por falta de tempo, outra para não expor sua filha já que ela era bem pequena e a última por simplesmente não querer

¹⁰ Bloqueio total ou confinamento, é um protocolo de isolamento.

fazer parte do projeto. Mas ficou decidido 2 famílias e a própria família fundadora do projeto.

O primeiro ensaio foi dia 19 de setembro de 2020. A família escolhida foi a da Cleydimar que é casada com o Adailton e juntos tem uma filha de 10 anos Andressa e o Roger de 1 ano que tem nanismo. Escolhemos o Parque Flamboyant por ser um espaço aberto, com pouca aglomeração e que eles se sentissem confortáveis no ensaio. Fotografar uma criança de 1 ano não foi uma coisa fácil. Roger estranhou muito no começo, mas deixei que ele mais brincasse e distraísse. Logo minha presença já não era problema. Fizemos poucas fotos sentados já que ele sente bastante incomodo na coluna quando fica muito nessa posição. Na sessão do Roger eu queria mostrar que apesar de ter um tipo de nanismo (Displasia Diastrófica) que acaba afetando mais a sua forma física com pequenas deformações e alguns problemas de saúde, ele continua normal, continua brincando, rindo com sua família tendo momentos como estes normais. Algumas fotos foram feitas mostrando o detalhe do tipo de nanismo dele e focando na diversão que ele estava no momento.



Figura 7 Imagens do ensaio pessoal de Roger. Fotografada por Michelle Menezes

Para as fotos eu utilizei uma Nikon 42x Wide Optical 4.3-180mm 1:3-5:9 e meu Iphone 11 com filtros do próprio celular em preto e branco. Os ensaios com as famílias foram todos em finais de semana, conciliando a minha e a agenda deles.

O segundo ensaio foi no dia 26 de setembro de 2020. A segunda família era da Maria Thereza que é casada com o Marcelo e juntos eles têm 3 filhos, a Ana Clara de 12 anos, o Pietro de 10 anos e a Laura de 3 anos. Nessa família apenas a Maria Thereza e seus dois filhos mais novos tem nanismo de Acondroplasia. Neste ensaio eu queria explorar a diversidade dentro de uma mesma família, como eles fluem como uma família e como casal. Foi um ensaio lindo e que eu particularmente mais gostei. O local escolhido foi o mesmo, no Parque Flamboyant, devido as mesmas circunstâncias. A família da Maria Thereza ainda tinha um agravante pois eles eram de Catalão. Como eu não tinha locomoção foi de boa vontade deles que vieram para Goiânia, apenas para participar do meu TCC. Mesmo assim eu colaborei com a gasolina já que eles foram tão solícitos e me ajudaram demais não só com o ensaio como entender algumas coisas sobre o nanismo.

Diferente do Roger as crianças de Maria Thereza: Pietro e Laura já eram maiores e foi mais fácil de coordenar a sessão. Laura roubou toda a cena de sua família, muito carismática e com um sorriso e olhar inocente, foi dela que eu escolhi a foto de capa para o site aonde as fotos foram postadas e dela que eu tirei as fotos mais lindas. A foto escolhida para a capa é a que ela olha para cima e sorri para mim. Essa foto não foi planejada, mas foi tão espontânea que eu não tive como não capturar o momento.



Figura 8 Fotos Laura. Fotografia de Michelle Menezes

A última e não menos importante família a ser fotografada foi a do Biel, fundadores do projeto Somos Todos Gigantes. Diferente dos outros ensaios, esse foi apenas para ter o representante do STG. Não foi um ensaio grande até mesmo pela disposição de horário da família que era complicado. Fui recebida na casa deles que me deu um tempo também de conhecer como funciona o dia a dia deles. Uma das fotografias tiradas de Biel foi na árvore aonde ele gravou o primeiro vídeo dele, isso há 5 anos atrás. Quis marcar esse lugar pois sei que tem valor simbólico para eles.



Figura 9 Imagem de Biel na árvore em que gravou seu primeiro vídeo. Fotografia de Michelle Menezes

Foi muito interessante ver o vídeo e assistir agora o Biel em sua trajetória de representatividade. Mais solto, mais didático e mais à vontade com todo a exposição. A foto da *figura 8* mostra o exato local da árvore. A utilização da técnica de *contra-ponglé* me deu o efeito que eu queria nessa foto. Mostrar o quão gigante Biel conseguiu se transformar nesses 5 anos de STG, sua trajetória, tudo aquilo que conquistou, a todos que mobilizou e a todos que ajudou.

Depois de todas as sessões eu tive o processo de editar as fotos. Tanto as do celular como as da câmera, a edição foi toda feita pelo editor do iphone. Prático e rápido eu apenas ajustei funções básicas como: brilho, contraste, sombra e exposição.

Algumas eu continue deixando em preto e branco e outras eu deixei em colorido. Apenas por gosto pessoal mesmo.

O site¹¹ foi criado pela plataforma Wix em um modelo já pré-definido. Foram feitas pequenas alterações como disposição das fotos para ficarem quadradas e de 3 em 3 do que corridas uma por uma. Em cada ensaio foi criado uma aba, na qual eu coloquei um pequeno texto falando sobre a família daquele ensaio e algumas observações.

Eu tinha medo do resultado do meu projeto. Diferente de Diane Arbus que sabia que as fotos dela traria estranheza a sociedade, eu queria trazer igualdade, inclusão e empatia. Logo depois da edição eu dei as fotos para as famílias que haviam sido modelos. A alegria e a felicidade de ver o resultado da sessão já compensou todo o processo. A família do Roger inclusive fez um álbum com todas as fotos tiradas. E por fim no dia 25 de outubro, dia nacional do combate ao preconceito à pessoa com nanismo fotos do ensaio foram postadas pelo Ministério da mulher, da família e dos direitos humanos (MDH); pela própria Ministra Damares Alves e pelo *Instagram* da revista VEJA-Saúde. Apesar de não terem usado as fotos do projeto final com minha edição, tive muito orgulho de ter as fotos se espalhando pelo Brasil, com o objetivo que eu queria.

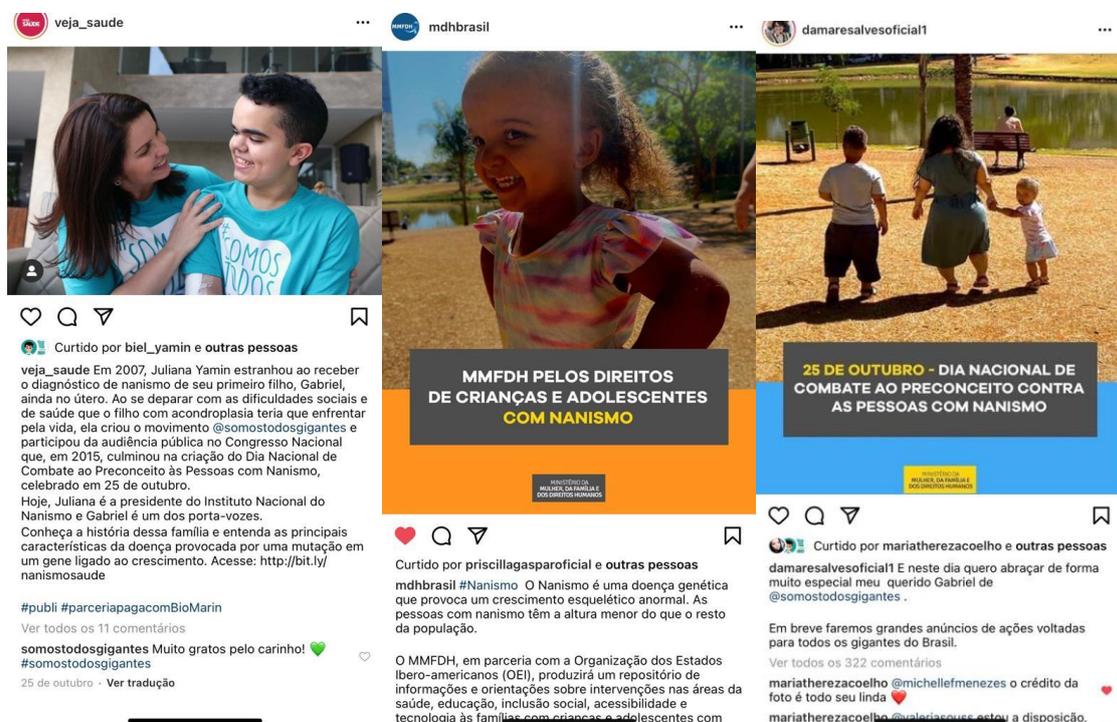


Figura 10 Instagrams que usaram as fotos dos ensaios. (VEJA-saúde, MDH e Ministra Damares Alves)

¹¹ <https://michellecarolinefm.wixsite.com/meusite-1> lindo do TCC

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo final do trabalho foi concluído, 3 sessões fotográficas expostas no site, transmitindo o que essas famílias gostariam de mostrar. Mesmo que não tenha mudado o pensamento de todas as pessoas com preconceito a pessoa com nanismo, desde a primeira foto eles foram respeitados e fotografados como pessoas normais, como uma família normal, com uma condição diferente, mas não pior ou melhor que ninguém.

O preconceito ainda está enraizado, existe muitas formas e lugares que a pessoa com nanismo deve ser incluída e debatida. Mas por hora um pedacinho foi avançado. É interessante pensar que no mundo da natureza existe várias formas de plantas e animais, vários tamanhos, cores, com cheiro ou sem cheiro e achamos linda toda essa diversidade. Mas quando falamos sobre pessoas há preconceito pela cor da pele, estatura, deficiência e biotipos.

O recorte fotográfico usado neste TCC foi o da inclusão e acessibilidade. Trazer a normalidade através da lente da câmera. Usando métodos e técnicas para alcançar tais objetivos. Como o *contra-plongéé*, fazendo jus ao nome do projeto Somos Todos Gigantes. Não pela estatura em si, mas por tudo o que já conquistaram e pela representatividade e ajuda que eles dão, com repercussão nível Goiás, Brasil e internacionalmente.

As inspirações fotográficas para o projeto vieram de vários fotógrafos, tanto como exemplo do que queria ser feito e do que eu não gostaria de ser comparado. O preto e branco prevaleceu e as fotos dos sorrisos estampados e com a lente de baixo para cima me acompanharam.

REFERÊNCIAS

- BRANCO, Sandra Marisa Lançoni. **Estudo da voz do anão hipofisário**. Curitiba, 2001.
- BRASIL, Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF, Senado. 1988.
- CARDOSO, R; AJZEN, S; SANTOS, K; FERNANDES, L; COSTA, C; OLIVEIRA, J; **Características cranianas, faciais e dentárias em indivíduos acondroplásicos**. Rev Inst Ciência Saúde, 2009;27(2):171-5.
- CASIMIRO LOPES, Gustavo. **O preconceito contra o deficiente ao longo da história** - EFDeportes.com, Revista Digital. Buenos Aires, Año 17, Nº 176, Enero de 2013.
- CERVAN, Mariana Pereira. **Estudo comparativo do nível de qualidade de vida entre sujeitos acondroplásicos e não-acondroplásicos**. Faculdade de Fisioterapia da Universidade Santa Cecília. Santos, 2008.
- ECO, Umberto. **História da feiúra**. Trad. Eliana Aguiar. Rio de Janeiro: Record, 2007.
- KURAMOTO, Emy. **A representação disruptiva de Diane Arbus: do documental ao alegórico**. 2006. 172 p. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Artes, Campinas, SP.
- MUSTACHI, Z.; PERES, S. **Genética baseada em evidências – síndromes e heranças**. São Paulo: CID, 2000. Cap. 31, p.347- 361.
- REVOIR, A. **Circo dos Horrores: Anita, a Boneca Viva**. In: Diários Anacrônicos. Postado Por Mme. Mean, quinta-feira, novembro 24, 2011. Disponível em: <http://diariosanacronicos.com/blog/circo-dos-horrores-anitaa-boneca-viva/>. Acessado em 20/02/2020.
- ROUILLÉ, André. **A fotografia: Entre o documento e a arte Contemporânea**. Senac São Paulo; Edição 1, 2009.
- SILVA, Luciene M. da. **O estranhamento causado pela deficiência: preconceito e experiência**. Rev. Bras. Educ. [online]. 2006, vol.11, n.33, pp.424-434. ISSN 1413-2478.

SONTAG, Susan. **Diante da dor dos outros**. Trad. Rubens Figueiredo. São Paulo: Companhia das Letras, 2003

SONTAG, Susan. **Sobre fotografia**. Tradução de Rubens Figueiredo. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

SOULAGES, François. **Estética da fotografia: perda e permanência**. São Paulo: Editora Senac, 2010.

SOUSA, Jorge Pedro. **Fotojornalismo: Uma introdução a história, as técnicas e a linguagem da fotografia na imprensa**. Porto, 2002.

SOUZA, Ricardo Pinto, **Dicionário de termos técnicos e médicos**. Edição Digital Disponível em: <> Acesso em: 20/04/2020, 23:00hrs

VASCONCELOS, Hortência Lira de. **Indivíduos acondroplásicos e banheiros públicos: um estudo de caso na Universidade Federal de Pernambuco - CAA**. Caruaru: O Autor, 2016.

RESOLUÇÃO n°038/2020 – CEPE

Termo de autorização de publicação de produção acadêmica

O(A) estudante _____ MICHELLE CAROLINE FERREIRA MENEZES _____ do Curso de Jornalismo, matrícula 2017.1.0127.0064-3, telefone: 62 9526-8630 e-mail michellecarolinefm@gmail.com, na qualidade de titular dos direitos autorais, em consonância com a Lei n° 9.610/98 (Lei dos Direitos do autor), autoriza a Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC Goiás) a disponibilizar o Trabalho de Conclusão de Curso intitulado **FOTORREPORTAGEM: SOMOS TODOS GIGANTES**, gratuitamente, sem ressarcimento dos direitos autorais, por 5 (cinco) anos, conforme permissões do documento, em meio eletrônico, na rede mundial de computadores, no formato especificado (Texto (PDF); Imagem (GIF ou JPEG); Som (WAVE, MPEG, AIFF, SND); Vídeo (MPEG, MWV, AVI, QT); outros, específicos da área; para fins de leitura e/ou impressão pela internet, a título de divulgação da produção científica gerada nos cursos de graduação da PUC Goiás.

Goiânia, 16 de dezembro de 2020

Assinatura do(s) autor(es):



Nome completo do autor: MICHELLE CAROLINE FERREIRA MENEZES

Assinatura do professor-orientador:



Nome completo do professor-orientador: Mariana Capeletti Calaça